



Director literario:

Luís de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís de Almeida
PAPUSSE

O CANTO DO GALO

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA

O galo, na capoeira,
diz assim:—cô-cô-rô-cô!...
—Falando desta maneira,
põe tudo num polvoró!...

Acorda as lindas galinhas
da regalada soneca
que cantam, casonadinhas;
—Cô-cô-cô-cô-côcareca!...

Acorda, do seu ô-ô,
os pintos cheios de frio,
respondendo ao cô-rô-cô:
—Piu-Piu-Piu-Piu!...

Acorda os patos marrecos,
que murmuram:— que será!
e gaguejam patarrecos:
—Cuá-cuá-cuá-cuá!...

Acorda, no seu poleiro,
ilustre Senhor Perú,
que grita, em ar sobranceiro:
—Glú-glú-glú-glú-glú-glú..

Acorda, com voz esperta,
no seu chalet, mestre cão
que se põe gritando:—Alerta!
Ao-ão-ão-ão-ão-ão-ão!

Acorda, pelos telhados,
vagabundo Rinhãnhãu
que se põe, em altos brados:
—miáu-miáu-miáu-miáu!...



E o Rei-Sol pondo-se àler-
ta,
ilumina o campo, o mar...
e em lindo esplendor des-
perta
a gente pra trabalhar!

A gente, de alegre rosto,
que trabalha todo o dia,
desde manhã ao Sol-Posto
com saúde e alegria;

É seu canto, eis que subindo,
também consegue acordar
o Sol, ainda dormindo,
no regaço do luar...

E que, em labutas insanas,
deita galinhas choquinhas,
para, ao fim de três semanas,
nascerem as ninhadinhas.

pintaínhos — uns regalos —
pondo tudo em polvoró!...
e donde nascem os galos
que fazem:—cô-cô-rô-cô!...

História da Sardinha Moída

POR ANTONIO ALVES

Desenhos de EDUARDO MALTA



UMA linda vila, pertinho do mar, vivia um velho pescador que tinha três filhas, qual delas a mais bonita, e um filho, um rapaz forte e sadio, que muitas vezes o acompanhava nas lides da pesca.

E era vê-los, de manhã muito cedo, carregando as rédes, caminho da praia onde os esperava o barco. Um, velho, a cara cheia de rugas, tostada por tanto sol, batida por tanto vento, nos olhos tristes uma saudade a

brilhar; outro, moço, alto, espadado, a pele cor de cobre, nos olhos claros, límpidos, uma esperança inquietante. Na volta, cansados, carregando o peixe, eram esperados pelas três raparigas. E lá iam para a sua casinha branca, muito branca, o pai contando o que fôra a pesca, o filho cantando uma canção alegre. Assim, eles mergulhando as mãos na frescura do peixe, elas concertando as rédes estendidas ao sol, viviam numa linda vila, pertinho do mar, o pescador e os seus quatro filhos.

Havia, porém, algum tempo que a pesca era má. As suas rédes não vinha o peixe e ao passo que os outros pescadores regressavam com os barcos a transbordar, ele e o filho voltavam com as rédes vazias. E tanto trabalho, tanto... Já não os esperavam na praia as três raparigas, já não falava o velho pescador, já não cantava o filho a sua canção alegre. E sempre, sempre o mar, dantes tão pródigo, agora era cada vez mais avaro. Já a miséria lhes batera à porta e o pobre velho, esgotadas as suas economias, se vira obri-

gado a vender as poucas coisas que lhe eram queridas. Um dia, já farto, disse para os filhos:

—«Vou hoje pela última vez ao mar. Aqui fica sobre esta mesa este copo cheio de água. Se a água se mover, se transbordar do copo, alegrem-se; trago peixe e muito. Se ficar tal qual a deixo, não contem mais comigo. Saiu desta terra e...»

As lágrimas toldavam-lhe o olhar e, carregando as rédes, abalou pela porta fóra. Refeitos da surpresa, quizeram os filhos correr a pedir-lhe que voltassem mas uma força estranha os deteve e os quatro ficaram largo tempo, olhando aquele copo, aquela água clara e transparente que era a vida de seu pai.

No mar, o pescador remava, remava sem descanso.

Os outros pescadores viram-no afastar e riram do velhote.

—Para onde irá o Ti-João com tanta pressa?

—E vai sozinho, o demo! Isto-quanto mais velhos mais gaiteiros...

—Imaginas que vai em busca duma sereia?...

—Sei lá!... Talvez queira pescar uma baleia...

E o pescador remava, remava tanto, tanto, que todos o perderam de vista.

No alto mar, calmo como o rio, o velho deitou as rédes e esperou.

Também na sua casinha branca, muito branca, os filhos esperavam. Súbito, um grito! A água do copo começava a mover-se, Primeiro lentamente, ondulando, depois mais forte, mais forte e, como numa nascente, saltava para fóra do copo num ruído fresco. A volta da mesa, os filhos deram-se as mãos e pulavam, cantavam, choravam de alegria. O pai ia voltar!... A fortuna ia voltar!... Correram para





a praia. Lá ao longe, adivinharam eles o barquinho, o seu barquinho!...

- Chega, chega barquinho da minh'alma!...
- Pai, chega depressa, depressa... mais... mais...
- Voltou a fortuna! Louvado seja o Senhor!
- Voltou a Vida! Louvada seja a Virgem!

E os quatro caíram de joelhos sobre a areia, quente ainda do sol, e rezaram, rezaram baixinho.

O barco aproximava-se; o barco chegava a praia. Vinha cheio, a deitar por lóra, de peixe lindo, prateado. Nunca o «Nossa Senhora do Mar», (assim se chamava o barquinho), viera tão cheio! Que alegria! Que alegria!

Mas o pescador vinha triste, muito triste. Em vão os filhos lhe perguntaram a causa da sua tristeza. Dir-se-ia que o contamento dos filhos lhe aumentava o seu desgosto. Anoitecia já, quando chegaram a casa, e só então, depois de acenda a candieira, o pai se resolveu a contar o motivo que o entristecia tanto. Atentos, os cotovéis sobre os joelhos, as cabeças apoiadas nas mãos abertas em forma de concha, os filhos escutaram então:

— Tinha eu atirado as rédes ao mar e esperava a sorte quando, súbitamente, uma onda enorme se levantou diante de mim, com grande ruído. Julguei que seria uma tromba de água, e já erguia as mãos a Deus quando — calculem o meu espanto! — de entre as águas da onda desfeita, vi surgir um peixe enorme todo de escamas verdes que me falou assim: — «Sei quem és, e de quem és pai. A tua barca de hoje para o futuro encher-se-á sempre de peixe se prometeres trazer-me a tua filha mais velha.» — Ao principio recusei mas os cardumes de peixe que ondulavam á volta do barco eram a fortuna a sorrir-me. Pensei nos meus outros filhos e... prometi. E agora, e agora?! Não poderei voltar ao mar a expôr-me à vingança do monstro e a miséria voltará.» — E o pobre velho soluçava. — Então a filha mais velha, disse:

— Não chore, meu pai. Eu vou amanhã consigo à pesca. Recusaram o pai e os irmãos o seu sacrifício mas tudo foi inútil, tudo! A sua resolução era inabalável,

Na manhã seguinte, ainda mal o sol rompêra as nuvens já banhadas dum tom amarelo côr de fôgo, a filha mais velha, risonha e linda, despeddia-se das irmãs e dos irmãos e saltava ligeira para o barco que depressa se pôs ao largo. O pai ia triste; a filha sorria como se fôsse em busca dum

futuro brilhante. No mesmo local onde no dia anterior tinha aparecido o peixe-monstro, o pescador deixou de remar. Momentos depois, uma onda enorme levantou-se e o peixe de escamas verdes surgiu ante os olhos espantados da filha do pescador. E o peixe disse:

— Bem hajas, bom pescador! A fortuna será contigo!

E, estendendo as suas fortes e longas barbatanas, arrebatou a menina, mergulhando em seguida. Depressa as águas se fecharam sobre eles e o pescador ficou olhando o mar, aquele mar que, ao mesmo tempo que lhe dava a fortuna, lhe roubava a felicidade.

Por fim voltou e a barca mal podia navegar, tão carregadinha vinha.

Passaram dias, meses e, uma tarde, quando o velho se dispunha a regressar de novo o peixe-monstro surgiu diante dele, a pedir-lhe a sua segunda filha. Perante a ameaça da miséria, de novo o pescador prometeu e na manhã seguinte «Nossa Senhora do Mar» levava mais uma pessoa que não voltaria à casinha branca, muito branca.

Entretanto, a fama cercava o velho pescador e de todas as partes do mundo vinham pedidos sobre pedidos. E o peixe lá ia, fresco e salgado, dentro de grandes canastras. E o ouro enchia as arcas do velhinho, e as mãos de todos que dele necessitavam.

Muitos dias se passaram na melhor tranquilidade. só nos olhos do pescador se via uma tristeza sem fim, uma saudade muito grande.

O «Nossa Senhora do Mar» tinha sido substituído por uma barca muito maior e na manhã em que, pela primeira vez, o novo barco fazia viagem, o dio estava triste, soturno, ameaçando tempestade. As ondas vinham quebrar-se no casco da barca, com grande fúria. A trovoadra era certa. Já ao longe se distinguiam algumas nuvens muito escuras. Nenhum outro barco saiu ao mar, mas o velho pescador, de frontando a tempestade que começava, navegava sempre.

Já o barco ia longe quando diante da proa, barrando-lhe a passagem, o peixe de escamas verdes se ergueu dizendo:

— Velho pescador, deves-me a fortuna. Volta a terra e traze-me a tua filha mais nova. Apesar do tempestade a tua nova barca encher-se-há do peixe mais raro.

(Continúa no proximo número)



A DERRADEIRA BRUXA

por EUCLIDES DIAS

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



DERRADEIRA bruxa era uma velha muito amarela e desdentada, muito alta e muito magra, que vivia numa gruta escura, cavada num rochedo, tendo por companhia uma giboia amarela encarregada de a guardar e proteger, e uma rapariga bastante enfezada que percorria montanhas desde manhã até à noite, à

procura de ervas e de flôres, usadas em feitiços.

Essa bruxa era muito poderosa e muito má; desgraçado daquele que passasse perto da gruta aonde ela vivia — nunca mais veria a côr do sol, o azul do céu, a manhã, as áves, as flôres, o crepúsculo!... Era metido numa sólida prisão, sem ar e sem luz; o seu sangue chupado pelos lábios sequiosos da bruxa; o seu corpo era

esmagado e, desfeito entre os aneis da giboia!

Ao contrário da bruxa, a rapariga era muito bôa na alma, tão bôa, que chegava, à custa do próprio





corpo, a ralar e censurar as feias acções que ela praticava:

— Oh! Minha mãe, porque faz isso?... não tem remorsos?

Mas a velha... era sabido, não respondia... antes, pegava no cabo duma vassoira e batia na pobrezita até mais não poder.

— Malandra, que tens com isso?... dizia por fim a velha, fulminando com o olhar a desgraçada raquítica que, sem uma palavra de desespero ou de revolta, estrebuchava no chão, gemendo com dôres.

E era todos os dias isto. Ela batia-lhe ao menor pretexto — mas a rapariguita não se zangava, antes, pelo contrário, julgava-se feliz.

E' minha mãe... minha mãe que me bate... ao menos tenho junto de mim a mulher que me deu o sêr... pensava ela.

Mas umã noite chegou, uma noite de lua cheia calma e silenciosa... A velha estava sentada ao lume a amanhar uma grande quantidade de sapos e aranhas nêgras que ela na véspera tinha agarrado dentro da gruta; a gibóia estava enroscada perto dali, com a cabeça estendida para diante; a rapariga jazia a um canto, sentada no chão, a comer um bocadito de boroa.

Daí a pouco, porém, a gibóia estremeceu, desenroscou-se, soltou um som rouco e prolongado, e arrastou-se de vagar até à entrada da gruta.

— Vê lá, Pirra, vê lá... agarra... incitava a bruxa.

Contudo, Pirra não avançou mais — conservou-se ali, meia inquieta, abrindo a bôca enorme, arrastando-se para alí ou para acolá.

— Ah! Esse é mais forte!... Amarra... espera... disse a velha, indo buscar um franguinho cheio dum líquido vermelho que ela pouco depois puzera no lume, rezando as fatídicas palavras dos feitios.

O fôgo subiu em línguas verdes e encarnadas o ouviu-se um estouro...

A gibóia, porém, ainda se não movera.

— Pirra, vai anda... vais buscar? Então?!...

Não vais?!... dizia a velha, admirada, e olhando a fera, interrogativamente...

Pirra, não ouves?! Vai lá...

A gibóia não avançou, e veio de novo enroscar-se aos pés da velha.

E ouviu-se, então, um grande rugido; e um leão enorme entrou na gruta a manquejar.

A velha levantou-se a tremer — a gibóia colocara-se entre ela e o leão.

Mas o rei das selvas, não fez mais do que estender-se junto da fogueira, a resmungar.

— Maldito! O meu poder já não chega para ti!... Se tiveres fome... come aquela que é mais dôce... disse a bruxa apontando para a pobre rapariga, e retirando-se rápidamente seguida da gibóia.

A pobrezita ficou a tremer, e olhava o corpulento animal, com os olhos desvairados e muito abertos.

Tentou fugir, mas o leão levantou-se e acercara-se da porta, impedindo-lhe a passagem.

Ela ficou estática e assombrada, gritando a custo: — Mãe... mãezinha... deixaste-me só...

E algumas horas passaram — horas que para ela eram eternidades.

Esperava a cada instante que o leão saltasse e a derrubasse; parecia-lhe ver o monstro avançar

para ela, de boca escancarada, cheia de sangue; sentia o estalido dos próprios ossos, e o mascar da fera nas suas carnes.

Mas isto não era mais do que uma ilusão, não eram mais do que pensamentos estropiados, desviados pelo terror.

O leão não lhe fazia mal — antes, procurava todos os esforços para a acalmar — queixava-se a cada momento, caminhava com uma pata no ar, procurando dar-lhe a entender que estava ferido.

Mas a rapariga nada via; tapava os olhos com as mãos, julgando, a cada momento, que era chegada a sua última hora. Foi preciso que o animal fôsse para junto dela e a lambesse carinhosamente.

Ela a princípio recuou, mas depois compreendeu, tomou ânimo, e, sem receio, começou por sua vez a afagar o animal que se deitara a seus pés, a resmungar de contentamento, a estender-lhe a pata mansamente.

Então, pôs-se de cócoras, e colocou o pé do leão sobre os joelhos; tinha, cravada entre os dedos, uma pequenina seta de aço, envolta em papel branco; arrancou-a imediatamente e desembaraçou-a do papel, no qual havia umas linhas azuis que diziam assim:

«Tu eras uma princeza poderosa e linda, e a bruxa encantou-te.

Só te poderás salvar, matando a velha, e bebendo-lhe duas gotas de sangue. Não-de aparecer muitas serpentes quando fôres a beber — mas não te assustes — crava essa seta no corpo da velha. Sê corajosa... ela não é tua mãe...

A rapariga ficou imensamente intrigada com isto, e, guardando no seio o btlhete e a seta, começou a scismar, a scismar profundamente — Eu não sou filha dela... dessa maldita... sim, como podia ser?!...

E começou a mirar uma faca curta de aço fino que arrancara da cinta — era a faca com que ela cortara aquelas ervas e aquelas flores usadas em feitiços...

— Isso deve servir... amanhã, à noite, quando a velha estiver a dormir — amanhã é a noite de sexta feira... a noite escolhida por ela para dormir... E a noite passou — veio o dia, um dia admirável cheio de sol.

A rapariga, como de costume, foi dar o seu giro pelas montanhas, empregando todos os esforços em encontrar ervas e flores raras, de maneira que a bruxa ficasse contente e não lhe batesse...

E assim foi. Andou por lá todo o santo dia, e só regressou à gruta quando os morcégos e as co-

rujas começaram a sair dos seus esconderijos — trazia um braçado das mais variegadas flores...

A velha lá estava à sua espera; dessa vez não lhe batera, deixou-a ir deitar mais cedo.

Meia noite. A derradeira bruxa e a giboia pareciam dormir profundamente.

A rapariga levantou-se de vagar, empunhou a faca e caminhou...

Em volta dela surgiam fantasmas — levantou o braço, mas largou a arma, soltando um grito de dôr!

A velha acordou repentinamente, elevou o tronco, e começou a rir às gargalhadas — gargalhadas que soavam sarcásticamente...

— Ah! Querias... querias a minha vida?!... dizia ela.

E, pegando-lhe pelos cabelos, arrastou-a brutalmente para a tal prisão da morte, testemunha de tantas scenas horribéis.

— Aos outros, dei uma morte santa. A ti, não, quero que o teu corpo cheio de vida, se debata eternamente nas entranhas da giboia... continuava a bruxa, arregalando os olhos, entreabrindo os lábios finos e deixando ver as gengivas escuras, horríveis, sem dentes!

— Pirra, Pirra... anda cá... aí tens a tua ceia. Mas, olha... escuta...

Não acabou a frase. Um rugido tremendo se fez ouvir, e o leão apareceu, coberto de espuma, feroz, dando saltos colossais.

A giboia colocou-se diante da velha, como para a defender — imediatamente o leão lhe saltou em cima.

Foi uma terrível luta aquela — o leão procurava apertá-la entre as fauces, dilacerá-la sob as garras a giboia saltava, abrindo a grande bocarra, e enroscando-se-lhe ao pescoço.

— Aperta Pirra, aperta-lhe o pescoço... depois, aqui tens a tua ceia... incitava a velha, olhando, oja para a rapariga que se conservava a um canto,



serena e muda, ora para a luta entre aquelas duas feras de olhos esgazeados.

— Ah! Acautela-te Pirra, vê lá... agora... bravo...

E aquele combate singular, prolongou-se ainda durante muito tempo, até que a velha soltou uma exclamação de raiva:

— Acautela-te, Pirra! Ah! desgraçada...

E' que o leão com uma agilidade espantosa, dera uma reviravolta, e esmordaçara, colocara debaixo das garras a cabeça da giboia, que se foi debatendo cada vez com menos vigor, até ficar inerte, morta.

A bruxa fez-se ainda mais pàlida do que estava; nada podia fazer contra o leão que lhe dirigia agora um olhar raivoso, medonho.

Pretendeu fugir, mas o animal não lhe dera tempo — saltou-lhe ao pescoço, caiu pesadamente sobre ela, esmordaçou-a na garganta e desapareceu!...

A noite estava quási no fim. A rapariga serêna e muda, olhava aquele quadro de morte... e de vida para ela.

Debruçou-se sobre o corpo da velha e pretendeu beber-lhe o sangue negro que lhe gotejava do pescoço — mas tinha nojo e... tinha receio, porque muitas serpentes começaram a sair da boca da velha e espalhar-se pela gruta, dando silvos estridentes.

Lembrou-se, então, da pequenina seta de aço, e rápida como um relâmpago, tirou-a do seio, e cravou-a no peito da bruxa.

As serpentes desapareceram, e ela, apesar do nojo que sentia, ponde beber duas gótas daquele sangue negro, daquele sangue, que era o sangue da derradeira bruxa...

E oh! Maravilha! Depois de se ouvir um grande estampido, a rapariga foi cair mansamente dentro dum grande palácio, onde havia criados que, diante dela, se curvaram respeitosamente, e um príncipe que se lhe ajoelhou aos pés, beijando-lhe as mãos, com ternura.

— Em que reino me encontro?... interrogou ela.

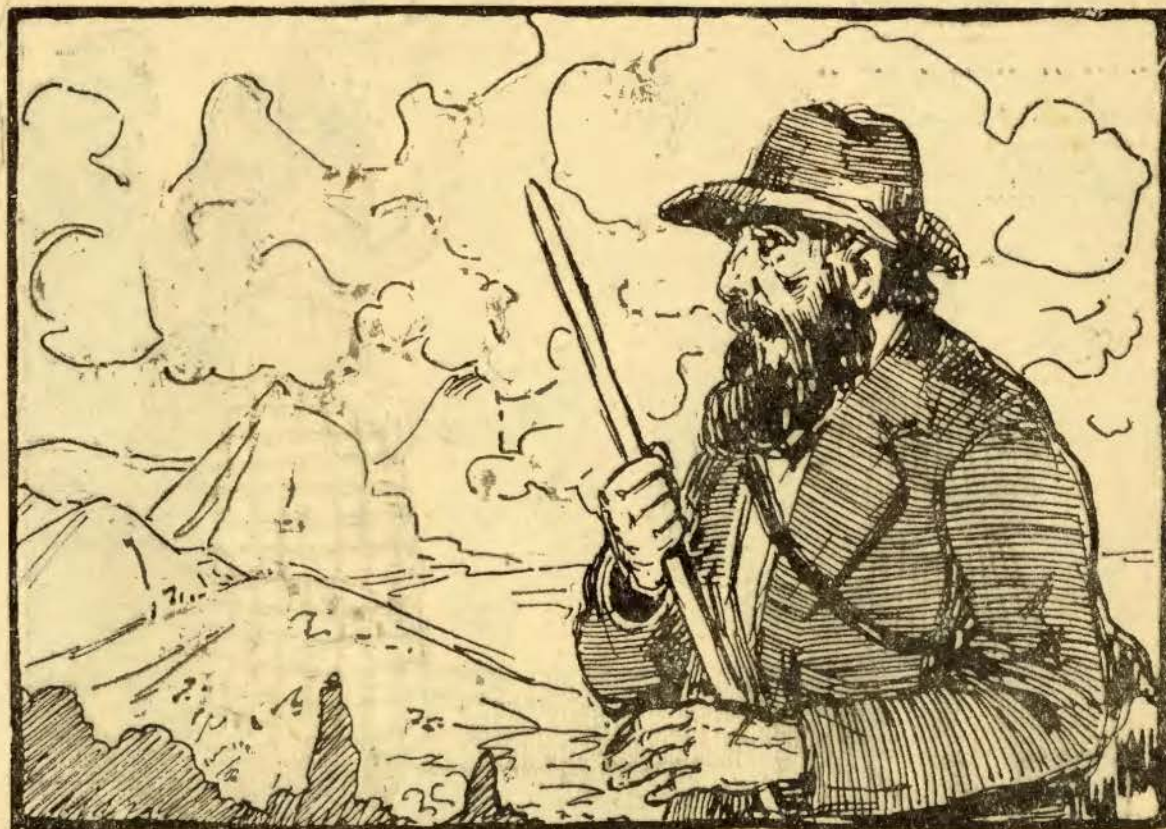
— No reino do sonho e do amor... respondeu o príncipe...

E uma donzelinha vestida de branco, ocupou-se a unir as mãos dos dois namorados, que, completamente esquecidos, olhavam lânguidamente através de janelas de cristal, o seu reino lindo, feito de casarias brilhantes, com portas de fumo branco...

Escusado será dizer, aos meus leitores, que naquele momento se uniram para toda a vida, que viveram muito felizes e tiveram muitos filhos, filhos lindos que jamais foram perturbados — pois desaparecera para sempre... a Derradeira Bruxa.

■ FIM ■

A D I V I N H A



Meus meninos: — Vejam se descobrem o filho deste ceguinho, que sempre o acompanha

Bébé não quer ir deitar-se

Por GRACIETTE BRANCO
Desenhos de EDUARDO MALTA

Bébé
não quer' ir prá cama!
Diz nomes feios à Ama,
bate o pé!

(Ai, Jesus! Como admira!
Até
parece mentira
mas não é!...)

—«Vamos deitar, meu menino!»
(diz a Ama, a velha Nucha),
Mas êle volve, rabino:
—«Não vou! Não vou! Grande bruxa!»

—«O que diz?! Eu vou-me embora!
Vou fazer queixa à Mamã!»
Mas, pondo a língua de fóra,
faz Bébé:—«Anh! Anh! Anh! Anh!...»

—«Ai, agora está rabino,
sempre assim, todas as noites?!
O que precisa o menino
é duma dúzia de açoites!...»

Só me ralam! Me consómem!
Vou fazer queixa de si!»
—«Ó maluca! Eu sou um homem,
não tenho medo de ti!...»

Mas nisto, no seu quartinho,
com seus pezinhos de lã,
surge, à porta, de mansinho,
a vigilante mamã...»

E chegando junto ao leito
e agarrando o grande máu,
no tu-tuzito bemfeito:
—Táu-táu-táu-táu-táu-táu...»

Anh! Anh! Anh! — gritando exclama:
—«Não batas mais, mamãzinha!
Eu peço perdão à Ama,
de joelhos, na caminha!...»

E a Mamã, (intimamente
dorida, por magua-lo):
—«Peça imediatamente,
que eu sou capaz de mata-lo...»

E Bébé, como a rezar,
sobre a cama, joelhado,
diz assim, a soluçar:
—«Fui um grande malcreado!»

Não te torno a arreliar,
ó minha riquinha Nucha!
Mesmo que seja a brincar
nunca mais te chamo bruxa!

E deito-me sempre à hora
a que mandar a Mamã!
Não ponho a língua de fóra
nem, nunca mais, faço:—«Anh! Anh!

Não te dou o safanão
como faz o primo Juca...
Não me faço valentão,
nem te hei-de chamar maluca!

E, agora, dá-me um beijinho
e vem vestir-me o pijama,
que eu tenho muito soninho
e já não fujo da cama.»

A velha Nucha, a Mãezinha,
vão-no logo rodear,
emquanto, sobre a caminha,
Bébé se fica a sonhar!...

E, desde então, Bébézinho,
deita-se todas as noites,
porque o tu-tu redondinho
não se esqueceu dos açoites.

